

RESPOSTA À ANÁLISE SE SOMOS OU NÃO UMA ASSEMBLEIA

Por que rejeitamos os ensinamentos dos irmãos exclusivistas



Augusto Fausto, Luis da Silva,
Cêndido Bartolomeu, Calebe Gabela

RESPOSTA À ANÁLISE SE SOMOS OU NÃO UMA ASSEMBLEIA

Por que rejeitamos os ensinamentos dos irmãos exclusivistas

Augusto Fausto
Luis da Silva
Cândido Bartolomeu
Calebe Gabela



Informações

WhatsApp: +244 925-870-451

<https://ko-fi.com/luisfrancodasilva>
luisdasilva@servindoaosirmaos.org

*Resposta À Análise Se Somos Ou Não Uma Assembleia
Por que rejeitamos os ensinamentos dos irmãos exclusivistas*

© Agosto de 2018 por CCAL



Av. 21 de Janeiro, Gamek, Maianga – Luanda - Angola

Tell: +244925870451

Servindo aos Irmãos, serviço do irmão **Luis da Silva**
para seus irmãos em Cristo.

∞ **Literaturas em formato digital**

→ <https://servindoaosirmaos.org>

∞ **Literatura em formato impresso (Exclusivo em
Angola-Luanda)**

→ Contacto@servindoaosirmaos.org

Distribuída em Angola por: Servindo aos Irmãos

Trechos deste livro podem ser reproduzidos, copiados e distribuídos desde que o texto não seja alterado e seja feita a devida referência ao autor. Apreciamos seu apoio e respeito a esta propriedade intelectual.

PREFÁCIO

Este livreto foi escrito em 2018 sob a pressão de um problema que a Igreja do Gamek, na Rua do Tony Amado em Luanda, Angola, enfrentava. A nossa comunidade estava a explorar a possibilidade de uma comunhão mais estreita com um grupo de irmãos conhecidos por sua postura exclusivista. Contudo, recuámos quando se tornou evidente que, para sermos considerados por eles como uma "assembleia" legítima, teríamos de nos submeter a uma doutrina e a um processo de reconhecimento que não encontrávamos fundamentado nas Escrituras Sagradas.

Diante desta imposição, alguns irmãos da nossa comunidade levantaram-se para reprovar e condenar tal ensino, usando a Bíblia como nossa única regra de fé e prática. Os irmãos identificados como CCAL apresentaram as suas respostas e justificações, procurando refutar os argumentos defendidos por Bruce Anstey em seu livro. Este livreto é, portanto, a nossa contra-resposta, uma defesa da nossa identidade como assembleia local e uma refutação sistemática dos argumentos que nos foram apresentados. Ele se junta a outros esforços, como o livro escrito pelo nosso irmão Luis da Silva, em "Respostas às Perguntas de um Irmão Exclusivista".

O nosso propósito não é atacar pessoas, mas sim examinar doutrinas à luz da Palavra de Deus, seguindo o nobre exemplo dos crentes de Bereia, que "de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas

eram assim" (Atos 17:11). Convidamos o leitor a fazer o mesmo.

Os CCAL

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA QUE ENFRENTAMOS

Partimos da base dos escritos do irmão Bruce Anstey, especificamente de seu livro "Um Só Corpo na Prática", que é habitualmente usado por muitos para justificar a ideia de que grupos de crentes independentes e locais não são uma "igreja" ou "assembleia" verdadeira, a menos que sejam formalmente recebidos por eles. Visto que a nossa igreja local em Luanda foi incluída nesta categoria de grupos "não reconhecidos", sentimos a necessidade imperativa de responder, examinando seus argumentos à luz da Bíblia.

Os irmãos que seguem esta linha de pensamento, frequentemente chamados de "Irmãos Exclusivistas" (uma ramificação dos "Irmãos de Plymouth"), reivindicam ser a única expressão legítima da igreja local de Cristo em uma determinada área. Eles consideram outros grupos de crentes como sendo apenas "discípulos de Jesus Cristo", mas não uma "assembleia reunida ao Nome do Senhor". A condição imposta para que um grupo como o nosso seja constituído como assembleia é que cada um de seus membros, individualmente, peça um lugar à "Mesa do Senhor" deles, submetendo-se assim à sua autoridade e ao seu sistema.

Neste livreto, apresentaremos as razões e os argumentos de Bruce Anstey, um por um, e a seguir faremos o nosso exame detalhado de cada declaração, refutando-as com base nas Escrituras. O nosso objetivo é demonstrar que a sua eclesiologia é baseada em interpretações equivocadas e na

imposição de uma tradição humana sobre a liberdade que temos em Cristo.

PARTE I:

REFUTAÇÃO DO PRINCÍPIO DE SUCESSÃO PESSOAL

Nesta primeira parte, abordaremos o pilar central da argumentação exclusivista: a ideia de que a legitimidade de uma assembleia depende de uma "sucessão pessoal" ou de uma ligação física e organizacional com uma assembleia mais antiga, que por sua vez estaria ligada aos apóstolos. Veremos como este princípio é construído sobre uma interpretação forçada de passagens históricas do livro de Atos, ignorando seu contexto único e irrepetível.

1. Primeira Refutação: O Caso de Samaria (Atos 8:4-24)

A. O Argumento de Bruce Anstey

O primeiro argumento baseia-se na narrativa da pregação de Filipe em Samaria. Anstey e outros, como C. H. Brown, afirmam o seguinte:

"No caso de novos convertidos e da formação de novas assembleias sobre esta base de comunhão, vemos que quando o Espírito de Deus começava uma obra em algumas pessoas, Ele tinha o cuidado de ligar essas pessoas às outras sobre o mesmo terreno, de modo que a 'unidade do Espírito' fosse mantida." (Bruce Anstey, "Um Só Corpo na Prática", p. 16)

"Deus não permite que os samaritanos tenham um reconhecimento oficial como pertencentes à igreja (assembleia) até que sejam reconhecidos por estes emissários que desceram de Jerusalém." (C. H. Brown, "The Ground of Gathering", p. 10)

B. Análise Crítica

Observa-se nestas declarações o que chamamos de **Princípio de Sucessão Pessoal**. A premissa é que, para uma nova comunidade de crentes ser considerada uma assembleia, ela precisa ser oficialmente reconhecida e validada por emissários (apóstolos ou seus representantes) de uma assembleia já existente (neste caso, Jerusalém). Esta validação, segundo eles, é o que mantém a "unidade do Espírito".

Esta interpretação levanta questões imediatas:

1. O propósito da visita de Pedro e João era realmente "dar reconhecimento oficial" ou havia outra razão, claramente declarada no texto?
2. A situação dos crentes samaritanos (que ainda não haviam recebido o Espírito Santo) é normativa para os crentes de hoje, que recebem o Espírito no momento da conversão?
3. Este padrão de "validação externa" é consistentemente aplicado na formação de outras igrejas no Novo Testamento?

C. Refutação Bíblica

Uma leitura atenta de Atos 8 invalida completamente a interpretação de Anstey e Brown. O texto é explícito sobre a razão da visita dos apóstolos:

"Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo." (Atos 8:14-17)

A declaração é infundada, pelas seguintes razões:

1. O Propósito Era o Dom do Espírito, Não o Reconhecimento: O texto não diz nada sobre "reconhecimento oficial" ou "formação de assembleia". O problema era claro e específico: os samaritanos haviam crido e sido batizados, mas, em uma dispensação única na história da Igreja, o dom do Espírito Santo ainda não lhes havia sido concedido. A função dos apóstolos foi ser o canal para a outorga do Espírito, não para outorgar um "status" de assembleia.

2. Um Evento de Transição, Não um Padrão Normativo: O livro de Atos registra a transição da promessa do Antigo Testamento para a realidade da

Nova Aliança. A vinda do Espírito ocorreu em fases distintas, cada uma validada pela presença apostólica: sobre os judeus em Pentecostes (Atos 2), sobre os samaritanos aqui (Atos 8), e sobre os gentios na casa de Cornélio (Atos 10). Este padrão serviu para demonstrar visivelmente a unidade da Igreja, quebrando a barreira histórica entre judeus, samaritanos e gentios. Não foi, e não pode ser, um modelo para a formação de igrejas hoje, pois agora todo crente, seja judeu ou gentio, recebe o Espírito no momento da fé em Cristo (Efésios 1:13).

3. A Aplicação Deste Princípio a Nós é Anacrônica: Aplicar esta passagem a uma igreja local hoje, como a nossa, é afirmar, por implicação, que não temos o Espírito Santo e que não estamos sobre o fundamento cristão. Nós, pela graça de Deus, já recebemos o Espírito Santo (Romanos 8:9) e já estamos edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, que é Cristo Jesus (Efésios 2:20). Portanto, a premissa para a aplicação deste texto é inexistente em nosso caso.

D. Questionamentos Lógicos

Perguntamos:

1. Se este princípio de sucessão pessoal é a norma de Deus, a qual assembleia pré-existente os próprios "Irmãos de Plymouth" se ligaram quando surgiram no século XIX? Quem foram os "apóstolos"

que lhes impuseram as mãos para validá-los? Se eles puderam ser levantados diretamente pelo Espírito Santo, por que o mesmo Espírito não pode fazer o mesmo hoje em Luanda ou em qualquer outro lugar?

2. Se a imposição de mãos era para "dar reconhecimento", por que o resultado foi o dom do Espírito Santo, e não um decreto de "oficialização" da assembleia?

E. Conclusão da Refutação

Por estas razões, **rejeitamos este ensinamento**. O argumento de que Atos 8 estabelece um padrão de sucessão pessoal para a validação de assembleias é uma distorção do texto bíblico. Ele transforma um evento histórico e transitório em uma lei eclesiástica permanente, criando uma hierarquia e uma necessidade de validação externa que o Novo Testamento não sustenta. A verdadeira base para a unidade não é uma linhagem organizacional, mas a posse comum do mesmo Espírito Santo.

2. Segunda Refutação: O Exemplo de Tessalônica (1 Tessalonicenses 2:14)

A. O Argumento de Bruce Anstey

O segundo argumento que examinaremos tenta usar o exemplo da igreja de Tessalônica para reforçar a ideia de que as igrejas mais novas devem seguir o padrão das mais antigas, especificamente as da Judeia.

"Dos santos em Tessalônica é dito: 'Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judeia estão em Jesus Cristo' (1 Ts 2:14). Isto não significa que as assembleias na Judeia fossem mais importantes e que as outras deviam segui-las. Trata-se simplesmente do fato de que o Espírito havia iniciado na Judeia a Sua obra de reunir as almas ao Nome do Senhor Jesus, e à medida que outras pessoas eram salvas, elas eram ligadas em uma comunhão prática àquilo que o Espírito de Deus já tinha começado." (Bruce Anstey, "Um Só Corpo na Prática", p. 17)

B. Análise Crítica

Nesta declaração, Anstey tenta suavizar a implicação de hierarquia ("não significa que as assembleias na Judeia fossem mais importantes"), mas a conclusão é a mesma: as novas igrejas eram "ligadas em uma comunhão prática" ao que já

existia. A passagem de 1 Tessalonicenses 2:14 é usada como prova dessa "ligação".

Questões nesta declaração:

1. O contexto da passagem está a falar de estrutura eclesial e comunhão organizacional, ou de outra coisa?
2. Em que, especificamente, os tessalonicenses foram "imitadores" das igrejas da Judeia? O próprio texto responde a esta pergunta?
3. A palavra "imitadores" implica subordinação ou solidariedade?

C. Refutação Bíblica

O contexto da passagem não infere nada a respeito do ato de se congregar, de ser "ligado" a uma comunhão ou de qualquer estrutura organizacional. Pelo contrário, o apóstolo Paulo está a falar de um tema completamente diferente: **sofrimento e perseguição**.

Esta declaração é infundada, pelas seguintes razões:

1. **A Imitação Foi no Sofrimento, Não na Estrutura:** O próprio versículo 14, e os que se seguem, explicam claramente em que consistia a imitação: "...porquanto também padeceste de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles [às igrejas da Judeia], os quais também mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm

perseguido a nós..." (1 Ts 2:14-15). A imitação não era em forma de governo ou afiliação, mas na triste realidade de serem perseguidos pelos seus próprios compatriotas por causa da sua fé em Cristo.

2. Um Sinal de Solidariedade, Não de Subordinação: Paulo não está a dizer "Vocês fizeram bem em se submeterem ao modelo da Judeia". Ele está a dizer: "A perseguição que vocês sofrem é uma marca de autenticidade. Vocês estão a passar pela mesma prova que as primeiras igrejas passaram. Isso mostra que vocês estão no mesmo caminho". É uma palavra de encorajamento e solidariedade, não um requisito de conformidade organizacional.

3. Tessalônica Tinha Outros Modelos: A mesma epístola mostra que a igreja de Tessalônica não tinha apenas as igrejas da Judeia como modelo. Eles eram imitadores do próprio apóstolo Paulo e do Senhor: "E vós fostes feitos nossos imitadores, e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo" (1 Ts 1:6). Além disso, a própria igreja de Tessalônica tornou-se um modelo para outros: "De maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia" (1 Ts 1:7).

D. Questionamentos Lógicos

Perguntamos:

1. Se a imitação implicasse uma "ligação organizacional", por que Paulo não menciona nenhuma estrutura, nenhum relatório, nenhuma delegação enviada da Judeia para supervisionar Tessalônica?

2. Se o modelo da Judeia era o padrão a ser seguido, por que a igreja de Antioquia, uma igreja predominantemente gentílica, tornou-se o grande centro missionário, enviando o próprio Paulo, sem qualquer menção de subordinação a Jerusalém?

E. Conclusão da Refutação

Por estas razões, **rejeitamos este ensinamento**. Usar 1 Tessalonicenses 2:14 para apoiar a ideia de uma "ligação prática" necessária a um centro já existente é tirar o texto do seu contexto de sofrimento e perseguição. A passagem ensina sobre a solidariedade no sofrimento que une as igrejas, e não sobre uma hierarquia organizacional que as subordina. A verdadeira imitação a que somos chamados é a de Cristo e dos seus apóstolos, na fé, no amor e na disposição de sofrer pelo evangelho.

3. Terceira Refutação: O Incidente em Éfeso (Atos 19:1-6)

A. O Argumento de Bruce Anstey

De forma semelhante ao argumento sobre Samaria, o encontro de Paulo com doze discípulos em Éfeso é apresentado como prova de que um grupo de crentes, mesmo sinceros, não é considerado uma assembleia até ser formalmente integrado ao "terreno" divino por um representante apostólico.

"Quando o apóstolo Paulo encontrou-se com um grupo de crentes em Éfeso que desconheciam outros com os quais Deus já havia trabalhado, ele descobriu que o Espírito de Deus ainda não os considerava como estando no terreno divino da assembleia (Atos 19:1-6). Eles não foram reconhecidos como estando no terreno do 'um só corpo' até que tivessem o Espírito e participassem de uma comunhão prática (pela imposição de mãos) com aqueles que o Espírito já havia reunido." (Bruce Anstey, "Um Só Corpo na Prática", p. 18)

B. Análise Crítica

Este argumento repete o mesmo erro fundamental que vimos na análise de Atos 8: confunde um problema soteriológico (relacionado à salvação e à recepção do Espírito)

com uma questão eclesiológica (relacionada à estrutura e reconhecimento da igreja). A premissa de Anstey é que estes homens já eram "crentes" no sentido neotestamentário, mas lhes faltava a "comunhão prática".

Questões nesta declaração:

1. A primeira pergunta de Paulo a estes homens ("Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?") indica uma preocupação com a afiliação eclesiástica ou com a própria natureza da sua fé?

2. A resposta deles ("Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo") sugere que eles eram cristãos neotestamentários a quem faltava apenas um rito de reconhecimento?

3. A ação de Paulo (pregar-lhes Jesus e batizá-los) é o procedimento para integrar uma assembleia ou para levar pessoas a uma fé completa em Cristo?

C. Refutação Bíblica

O argumento de Anstey desmorona quando lemos o texto com atenção. A preocupação primária de Paulo não era integrá-los a uma estrutura, mas diagnosticar a validade da sua fé à luz do evangelho completo.

Esta declaração é infundada, pelas seguintes razões:

1. A Questão Fundamental Era a Ausência do Espírito Santo: A pergunta de Paulo em Atos 19:2 é a chave de toda a passagem. No entendimento do Novo

Testamento, a presença do Espírito Santo é a marca que define um cristão. Como o próprio Paulo escreve em Romanos 8:9: "...Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele". A resposta dos discípulos de Éfeso confirmou a suspeita de Paulo: a sua experiência era deficiente na sua essência. Eles não eram cristãos no sentido pleno do termo, mas discípulos de João Batista, cuja fé estava incompleta.

2. A Solução Foi o Evangelho, Não um Rito de Afiliação: Ao perceber a deficiência, Paulo não lhes estendeu "a destra de comunhão". Ele pregou-lhes o evangelho completo de Jesus Cristo (Atos 19:4). Foi somente depois de eles crerem nesta mensagem que foram batizados em nome de Jesus e, subsequentemente, receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos de Paulo. A sequência é clara: evangelho -> fé -> batismo -> dom do Espírito. Este é um paradigma de conversão, não de reconhecimento eclesialístico.

3. A Aplicação Deste Princípio a Nós é Inválida: Mais uma vez, como no caso de Samaria, aplicar esta passagem a uma igreja local hoje é um anacronismo teológico. Nós, que cremos no evangelho completo de Cristo, já recebemos o Espírito Santo. Não estamos na mesma condição daqueles doze homens em Éfeso. Portanto, a passagem não tem aplicação normativa para a formação ou reconhecimento da nossa assembleia.

D. Questionamentos Lógicos

Perguntamos:

1. Se estes homens já eram "crentes" e precisavam apenas de "comunhão prática", por que Paulo sentiu a necessidade de re-batizá-los? O batismo de João não era suficiente?

2. Se a imposição de mãos era para "reconhecimento", por que o resultado foi o dom de línguas e profecia, sinais carismáticos que autenticavam a recepção do Espírito, e não uma declaração formal de pertencimento?

E. Conclusão da Refutação

Por estas razões, **rejeitamos este ensinamento**. O incidente em Éfeso não fornece qualquer base para o princípio da sucessão pessoal ou da necessidade de reconhecimento externo. Pelo contrário, ele reforça uma verdade muito mais fundamental: a centralidade do evangelho completo de Jesus Cristo e a necessidade universal da recepção do Espírito Santo para que alguém seja considerado, de fato, um cristão. Tentar usar esta passagem para justificar uma hierarquia eclesiástica é distorcer o seu claro propósito soteriológico.

PARTE II:

REFUTAÇÃO DA TIPOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

Nesta segunda parte, vamos analisar um tipo diferente de argumento: o uso de uma analogia ou "tipo" do Antigo Testamento para justificar a eclesiologia exclusivista. Este método de argumentação é mais sutil, mas igualmente falacioso, pois impõe um padrão da Antiga Aliança sobre a realidade da Nova Aliança em Cristo.

4. Quarta Refutação: O Erro da Analogia com Esdras

A. O Argumento de Bruce Anstey

Para defender a ideia de que todos os crentes hoje devem se juntar ao seu movimento específico, que eles veem como o "testemunho" restaurado de Deus na terra, Anstey usa a história do retorno dos judeus do cativeiro babilônico como uma ilustração.

"Isto é ilustrado na forma de tipos em Esdras 7-10. Deus havia começado uma nova obra ao trazer o seu povo de volta da Babilônia para o centro divinamente designado naquela época que era Jerusalém (1 Rs 11:32, 14:21). Cerca de 42.000 pessoas retornaram sob o comando de Zorobabel e Jesuá (Esdras 1-3). Por volta de 68 anos mais tarde outros foram igualmente tocados para que retornassem a Jerusalém (Ed 7-8). Quando retornaram, descobriram que Deus tinha estado trabalhando de maneira semelhante com

outros muito tempo antes... Eles não podiam... estabelecer outro centro de reunião separado daquele que já existia ali, pois não era da vontade de Deus que existissem dois grupos independentes de judeus em Jerusalém." (Bruce Anstey, "Um Só Corpo na Prática", p. 19)

B. Análise Crítica

Esta declaração pressupõe o que podemos chamar de **Princípio de Sucessão pelo Movimento do Espírito Santo**. A analogia é a seguinte:

1. A verdade da Igreja foi corrompida e enterrada na "Babilônia" do cristianismo denominacional.

2. Os "Irmãos de Plymouth", no século XIX, foram o grupo que Deus usou para "retornar do cativeiro" e restaurar a verdade da assembleia (o retorno de Zorobabel).

3. Portanto, qualquer crente ou grupo de crentes que, depois deles, seja tocado pelo Espírito para buscar a verdade da assembleia (o retorno de Esdras), deve necessariamente se juntar ao "testemunho" já estabelecido por eles, pois não pode haver dois "centros de reunião" independentes.

Questões nesta declaração:

1. É hermeneuticamente correto aplicar a organização teocrática e geográfica de Israel na Antiga Aliança diretamente à Igreja na Nova Aliança?

2. A premissa de que os "Irmãos de Plymouth" foram a única e exclusiva restauração da verdade de Deus é historicamente defensável e biblicamente justificada?

3. O Novo Testamento estabelece um "centro de reunião" geográfico ou organizacional para a Igreja universal?

C. Refutação Bíblica

Esta analogia, embora pareça engenhosa, é profundamente falha porque ignora as diferenças fundamentais entre a Antiga e a Nova Aliança.

Esta declaração é infundada, pelas seguintes razões:

1. O Centro de Adoração Mudou Radicalmente: O argumento de Anstey depende inteiramente da existência de um único centro de reunião divinamente designado: Jerusalém. No entanto, o próprio Senhor Jesus aboliu este princípio em sua conversa com a mulher samaritana: "Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade" (João 4:21, 23). O centro da adoração cristã não é um lugar, mas uma Pessoa: Jesus Cristo. A nossa "Jerusalém" é onde quer que estejamos reunidos em Seu nome (Mateus 18:20).

2. **O Templo Mudou:** Em Israel, o Templo era um edifício físico. Na Nova Aliança, o Templo de Deus é a Igreja, o Corpo de Cristo (1 Coríntios 3:16-17), e também o corpo de cada crente (1 Coríntios 6:19). Não há mais um local físico sagrado para o qual todos devem convergir.

3. **O Sacerdócio Mudou:** Israel tinha um sacerdócio exclusivo da tribo de Levi. A Igreja é um "sacerdócio real", onde todo crente tem acesso direto a Deus através de Cristo (1 Pedro 2:9). A necessidade de uma mediação organizacional para se aproximar de Deus foi abolida.

D. Questionamentos Lógicos

Perguntamos:

1. Se a analogia fosse válida, por que parar nos "Irmãos de Plymouth"? Não foi a Reforma Protestante um "retorno da Babilônia" muito maior e mais significativo? Por que não deveriam todos se juntar aos Luteranos ou Calvinistas?

2. Quem deu a este movimento específico a autoridade para se declarar o único "testemunho" restaurado de Deus? Esta é uma reivindicação que não pode ser provada nem biblicamente nem historicamente.

E. Conclusão da Refutação

Por estas razões, **rejeitamos este ensinamento**. A tentativa de usar a história de Esdras como um tipo para forçar a submissão a um movimento eclesiástico moderno é um abuso da tipologia bíblica. É ignorar a obra consumada de Cristo, que inaugurou uma Nova Aliança com um novo Templo, um novo Sacerdócio e um novo Centro de Adoração: Ele mesmo. A próxima seção aprofundará ainda mais estas diferenças cruciais.

PARTE III

A VERDADE BÍBLICA SOBRE ASSEMBLEIAS

Tendo dedicado as partes anteriores a desconstruir e refutar os argumentos que sustentam a eclesiologia exclusivista, dedicaremos esta parte a construir, de forma positiva e clara, o que as Escrituras ensinam sobre a natureza de uma assembleia local e a base da comunhão cristã. Se a legitimidade não vem de uma sucessão pessoal ou de uma afiliação organizacional, de onde ela vem? A resposta é que ela vem diretamente de Cristo e da obra do Espírito Santo, com base na Palavra de Deus.

6. Sexta Demonstração: O Que Realmente Constitui uma Assembleia

Contrariamente à ideia de que uma assembleia precisa de validação externa, o Novo Testamento mostra que uma assembleia (ekklesia) é constituída por elementos intrínsecos, espirituais. Qualquer grupo que possua estas marcas bíblicas é uma assembleia legítima aos olhos de Deus, independentemente do reconhecimento de homens.

A. A Presença de Cristo como Fundamento

A promessa fundamental e constitutiva de uma assembleia vem do próprio Senhor Jesus:

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles." (Mateus 18:20)

Esta é a certidão de nascimento de qualquer assembleia local. A legitimidade não é conferida por uma delegação de Jerusalém ou de Plymouth, mas pela presença do próprio Senhor Jesus Cristo. Reunir-se "em nome de Jesus" significa reunir-se sob a Sua autoridade, para a Sua glória, em dependência d'Ele. Onde quer que isso aconteça, mesmo com o menor número possível, ali está uma expressão autêntica da Igreja de Cristo.

B. A Doutrina dos Apóstolos como Base

A primeira igreja, em Jerusalém, nos dá o padrão. Eles "perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações" (Atos 2:42). A "doutrina dos apóstolos" não é uma tradição oral passada de grupo em grupo, mas o ensinamento que hoje temos registrado, de forma infalível e final, no Novo Testamento. Uma assembleia verdadeira é aquela que se submete a esta doutrina, pregando o evangelho da graça, a divindade de Cristo, a Sua obra expiatória, e a salvação pela fé.

C. O Batismo do Espírito Santo como Integração

O que nos torna membros do Corpo de Cristo, a Igreja universal, e conseqüentemente nos qualifica para sermos membros de uma assembleia local? Não é a mão de um homem, mas a obra do Espírito de Deus.

"Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer

gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito." (1 Coríntios 12:13)

Todo crente verdadeiro foi batizado pelo Espírito no Corpo de Cristo. Tentar adicionar um requisito humano a esta obra divina é uma presunção e uma afronta à soberania do Espírito Santo, que planta igrejas onde Lhe apraz.

D. A Autonomia Local sob a Autoridade de Cristo

O padrão consistente do Novo Testamento é o de igrejas locais autônomas, governadas por seus próprios presbíteros (Atos 14:23; 20:17, 28), e diretamente responsáveis perante Cristo como sua única Cabeça (Apocalipse 2-3). Não havia uma sede denominacional, um papa ou um concílio com autoridade sobre as igrejas locais. A autoridade final era a Palavra de Deus, aplicada pelos líderes locais sob a direção do Espírito Santo.

E. Conclusão da Demonstração

Concluimos, portanto, que uma assembleia é constituída pela presença de Cristo, fundamentada na doutrina dos apóstolos, integrada pelo batismo do Espírito Santo e governada sob a autoridade direta de Cristo. Qualquer grupo que exiba estas marcas é uma assembleia legítima, e negar isso é impor tradições de homens acima da Palavra de Deus. Nós afirmamos a nossa identidade como tal assembleia, não por orgulho, mas com base na clara evidência das Escrituras.

7. Sétima Demonstração: A Base da Comunhão Cristã

Se a legitimidade de uma assembleia é intrínseca, qual é então a base para a comunhão entre as assembleias? Os exclusivistas argumentam que a comunhão só é possível dentro do seu "terreno" ou círculo de reconhecimento. A Bíblia, no entanto, ensina que a comunhão (*koinonia*) é muito mais ampla e está fundamentada na nossa união comum em Cristo.

A. A Comunhão com o Pai e com o Filho

O apóstolo João estabelece o princípio fundamental:

"O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo." (1 João 1:3)

A nossa comunhão horizontal (uns com os outros) é um resultado direto da nossa comunhão vertical (com Deus). Se um indivíduo ou um grupo de crentes tem comunhão com o Pai e com o Filho, então temos uma base bíblica para ter comunhão com eles. A base da comunhão não é a afiliação a uma organização, mas a relação com uma Pessoa.

B. A Unidade do Espírito

Somos exortados a "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Efésios 4:3). Esta unidade não é algo que criamos através de estruturas organizacionais; é uma realidade espiritual criada pelo Espírito Santo, que devemos zelosamente

preservar. Esta unidade baseia-se em sete pilares doutrinários fundamentais: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos..." (Efésios 4:4-6). A comunhão é possível com todos os que partilham desta "uma só fé".

C. Cooperação Sem Subordinação

O Novo Testamento mostra um padrão de cooperação voluntária entre igrejas autônomas, não de subordinação hierárquica. A igreja de Antioquia enviou ajuda à igreja da Judeia (Atos 11:29-30). As igrejas da Macedônia e Acaia levantaram ofertas para os pobres em Jerusalém (Romanos 15:26). As igrejas trocavam saudações e recomendavam obreiros umas às outras. Era uma comunhão de amor e parceria, não de controle.

D. Conclusão da Demonstração

Concluimos que a base para a comunhão não é a uniformidade organizacional, mas a unidade espiritual em Cristo. Podemos e devemos ter comunhão com todos os crentes e assembleias que se apegam ao evangelho e às doutrinas centrais da fé, independentemente de rótulos humanos. Limitar a comunhão ao seu próprio grupo é sectarismo e nega a amplitude do Corpo de Cristo.

CONCLUSÃO:

POR QUE REJEITAMOS ESTES ENSINAMENTOS

Chegamos ao fim da nossa resposta. Examinámos os principais argumentos usados para negar a legitimidade de assembleias como a nossa e demonstrámos, a partir das Escrituras, que eles se baseiam em interpretações equivocadas, anacronismos teológicos e na imposição de tradições de homens.

Em resumo, rejeitamos estes ensinamentos porque:

1. Eles confundem eventos históricos únicos com padrões normativos permanentes (como nos casos de Samaria e Éfeso).

2. Eles tiram versículos do seu contexto para apoiar uma doutrina pré-concebida (como no caso de Tessalônica).

3. Eles aplicam indevidamente princípios da Antiga Aliança à Igreja, o corpo de Cristo(como na tipologia de Esdras).

4. Eles criam uma hierarquia e uma necessidade de validação humana que o Novo Testamento não apoia, minando a autoridade de Cristo e a soberania do Espírito Santo.

5. Eles promovem o sectarismo e quebram a unidade do Espírito, ao limitar a comunhão a um círculo exclusivo.

As consequências destes ensinamentos são graves: geram orgulho espiritual nos que se julgam estar no "terreno" correto, e insegurança e dúvida nos que são injustamente

excluídos. Ferem o coração do nosso Senhor, que orou para que "todos sejam um... para que o mundo creia" (João 17:21).

Nós, portanto, afirmamos com confiança a nossa identidade como uma assembleia reunida ao nome do Senhor Jesus Cristo. A nossa legitimidade não vem de uma linhagem humana, mas da presença de Cristo no nosso meio, da nossa submissão à Sua Palavra e da presença do Seu Espírito em nós. Convidamos todos os crentes a rejeitarem estes fardos desnecessários e a desfrutarem da liberdade e da ampla comunhão que temos no Corpo de Cristo.

APOIO OU DOAÇÕES

Se os nossos conteúdos têm edificado a sua vida, saiba que é possível apoiar este ministério, com oração, partilha, recursos ou contribuição, conforme ensina a Palavra: **'O que é instruído na palavra, reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui.'** (Gálatas 6:6)

FORMAS DE APOIO

1. **Ore por nós** – Interceda por sabedoria, santidade, direção e portas abertas.

2. **Compartilhe os materiais** – Ajude a alcançar mais vidas divulgando os conteúdos.

3. **Adquira nossos materiais** – Fortaleça-se com conteúdos bíblicos voltados à edificação dos crentes empreendedores e empresários.

4. **Contribua financeiramente (se for da sua vontade)** – Caso Deus toque teu coração, você pode apoiar financeiramente com base nos seguintes princípios:

- Se você tem sido edificado pelos conteúdos do nosso ministério (Gálatas 6:6);

- Se estás em paz com Deus e em comunhão com sua igreja local;

- Se a Sua família está suprida nas necessidades básicas (1 Timóteo 5:8);

- E sente em seu coração o desejo de participar financeiramente com alegria e liberdade (2 Coríntios 9:7);

Então, sim: **pode nos apoiar**. Toda contribuição será recebida com gratidão, administrada com temor e prestará contas diante de Deus.

Fora de Angola: <https://ko-fi.com/luisfrancodasilva>

Angola: Banco BFA - 0006 0000 94455837301 93

Luis Franco da Silva

Nota: Não fazemos apelos públicos constantes, nem vendemos bênçãos. Se você percebe frutos espirituais, valor bíblico e temor de Deus no nosso trabalho, caminhe conosco com discernimento, oração e liberdade cristã.
